ANTROPOLOGIAS DO IMAGINÁRIO, SUBJETIVIDADES OU LOUCURAS: UM MERGULHO NO FEMINISMO DO LIVRO A MENINA SUBMERSA

ANTHROPOLOGIES OF THE IMAGINARY,
SUBJECTIVITIES OR MADNESS: A DIVE IN THE
FEMINISM OF THE BOOK THE SUBMERGED GIRL

Michele Teresinha Philomena Bohnenberger¹
Muriel Rodrigues de Freitas²

1 Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

2 Doutoranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Resumo: O texto discute o livro *A Menina Submersa*, de Caitlín R. Kiernan (1969), lançado em 2012, nos EUA, destacando as temáticas de gênero e loucura. Relacionamos os tempos das personagens em relação às concepções vigentes de suas diferentes épocas, no que diz respeito às imagens e comportamentos definidos para as mulheres, assim como algumas consequências para àquelas que não se adequam a eles. Evidenciamos algumas interpretações acerca da abordagem da autora. conforme sua formação em paleontologia, mergulhando na mente de Imp, a personagem que nos conduz pelos labirintos das múltiplas feminilidades, sentimentos de culpas e perdas a partir dos elementos antropológicos e históricos da narrativa.

Palavras-chave: A menina submersa, loucura, literatura de gênero, história.

Abstract: The text discusses the book *The Submerged Girl*, by Caitlín R. Kiernan (1969), released in 2012 in the USA, highlighting the themes of gender and madness. We relate the times of the characters in relation to the current conceptions of their different times, with regard to the images and behaviors defined for women, as well as some consequences for those who do not suit them. We emphasize some interpretations about the author's approach according to her background in paleontology, immersing herself in the mind of Imp, the character who leads us through the labyrinths of multiple femininities, feelings of guilt and loss from the anthropological and historical elements of the narrative.

Keywords: The submerged girl, madness, gender literature, history.

A menina submersa: memórias é, definitivamente, um livro sobre mulheres, sobre o universo feminino - suas relações, conflitos, estigmas e modos de percepção da existência. O livro de Caitlín R. Kiernan (1969), lançado em 2012, nos EUA, permite uma abordagem sobre o viés da história e da cultura visual, pois a autora é paleontóloga e escritora de livros de ficção científica e de fantasia sombria, obras repletas de referências artísticas e literárias externas. Caitlín demonstra, no decorrer da narrativa, que essa é uma obra de seu tempo. Os dramas cotidianos das personagens são apresentados frente aos desafios do momento em que viveram e, além disso, aos temas que, embora hoje ainda possam parecer problemáticos para gerações mais antigas, são desenvolvidos de modo natural, conforme a recepção do público-alvo. Fala-se, por exemplo, de relacionamentos homossexuais, de sistemas de tratamento psiquiátrico, de identidades de gênero. O livro é enquadrado na categoria ficção de terror, pois trabalha medos e traumas dentro de um universo que mistura contos de fadas, pesadelos e obsessões.

Tecida em primeira pessoa, a narrativa não mantém uma linearidade, pois a protagonista, India Morgan Phelps (Imp), moradora de Province, Rhode Island, sofre de esquizofrenia paranoide. A composição da trama se dá através do escrito de suas memórias, que ela chama de “história de fantasmas”. Seus relatos são uma tentativa de compreender uma série de

acontecimentos que se desdobram a partir de uma noite em que sai dirigindo e encontra uma mulher, Eva Canning, nua, à beira de um rio. A protagonista decide ajudá-la e levá-la para casa e, a partir daí, Imp cria uma obsessão em torno da figura de Eva, que após um banho e poucas palavras, vai embora. Daí em diante, tende-se a levantar dúvidas sobre a existência de Eva, que poderia ser apenas fruto da doença de Imp, mas que, ao mesmo tempo, é uma hipótese refutada por um breve contato da figura peculiar com a namorada da protagonista, Abalyn.

Imp é pintora e trabalha em uma loja de materiais artísticos. Sua mãe e sua avó também sofriam de esquizofrenia e a protagonista considera que elas também são parte de sua história. Ambas cometeram suicídio:

Eu. Rosemary Anne. Caroline. Três mulheres loucas, em sequência. O suicídio da minha mãe e o suicídio da minha avó. Levando embora as palavras para que as coisas assustadoras sejam menos assustadoras e deixando para trás palavras que não mais significam o que já significaram. (KIERNAN, 2014, p.37)

A escrita de Imp tenta organizar suas verdades, pois a sua noção de tempo é fragmentada, seguindo

uma construção literária pós-moderna³, em que suas lembranças não são factuais, sendo a/o leitora/o convidada/o a participar de seu modo de ver o mundo:

[...] é como se eu devesse escrever algo factual agora. Ao contar esta história de fantasmas, começo a pensar nos fatos e na verdade como se fossem tijolos e cimento, mas eu não tenho certeza de qual é qual. É provável que os fatos sejam os tijolos e que a verdade seja o cimento que mantém tudo junto. Gosto do som disso, portanto vou considerar uma verdade provisória. (KIERNAN, 2014, p. 32)

O assunto da loucura é a tônica do livro. A concepção de que ela está ligada ao universo feminino possibilita o levantamento de diversos pontos, e, para tanto, vamos nos ater a duas perspectivas principais. A primeira delas nos revela como a avó e a mãe de Imp sofreram o peso da doença mental em suas vidas de maneiras muito diversas da protagonista. Aqui, não nos referimos aos diagnósticos, níveis e gravidade, pois não nos interessa dimensionar estes assuntos,

3 “Em literatura, particularmente na ficção, o pós-modernismo prolonga a liberdade de experimentação e invenção modernista, mas com diferenças importantes. Enquanto o modernismo lutava pelo máximo de forma e originalidade, os pós-modernistas querem a destruição da forma romance, como no *nouveau roman* francês, ou então, querem o pastiche, a paródia, o uso de formas gastas (romance histórico) e de massa (romance policial, ficção científica), como na metaficção americana. Num e noutro caso, entretanto, está fora de cogitação a representação realista da realidade, o ilusionismo. Na literatura pós-moderna não é para se acreditar no que está sendo dito, não é um retrato da realidade, mas um jogo com a própria literatura, suas formas a serem destruídas, sua história a ser retomada de maneira irônica e alegre” (SANTOS, 2004, p. 39).

mas, sim, aos estigmas carregados e aos julgamentos morais e sociais que elas viveram. Claramente, Imp carrega o trauma do internamento e suicídio de sua mãe num hospício, assim como da loucura e do suicídio de sua avó em casa, o que ela chama de “Maldição da Família Phelps”. A avó, Caroline, aparenta ter vivido a negligência familiar relacionada a sua idade e doença, pois, após a morte do marido na II Guerra, não parece ter recebido atenção e cuidados dados àquelas/es que vivenciam grandes perdas. Já a mãe, Rosemary Anne, estigmatizada pela doença familiar, é internada contra sua vontade no Hospital Butler para Lunáticos e lá comete suicídio aos 56 anos.

Para nossa análise, partimos do mesmo pressuposto do filósofo Michael Foucault, em seu livro *A história da loucura na Idade Clássica* (1997), que entende a “loucura” como uma emergência histórica, inserida na esfera das práticas sociais e morais, como um instrumento de sujeição e não como algo da “natureza” ou uma “doença”. Apesar de haver diagnósticos psiquiátricos que atestam a esquizofrenia de Imp, nenhuma referência a isso é expressa sobre suas antepassadas. Sabemos de algumas histórias que sua avó contava com relação a uma tia, que guardava aves e ratos mortos em potes de vidro com tampa e rotulava cada pote com uma passagem da bíblia. Ao narrar esse fato à sua psiquiatra, Imp questiona se isso poderia ser considerado uma doença:

[...] contei à psiquiatra que eu suspeitava que minha tia-bisavó poderia apenas ter sofrido de um interesse apurado por história natural ou, talvez, pela coisa com os versos bíblicos. E então, falei, podia ser que ela estivesse tentando criar um tipo de concordância, correlacionando espécies particulares com as escrituras, mas a Dra. Ogilvy disse que não, que provavelmente ela também era esquizofrênica. (KIERNAN, 2014, p. 16)

Sua tia-bisavó, pelos idos do século XIX, podia ter apenas comportamentos diferentes daqueles esperados socialmente, mas para uma mulher isso podia ter consequências bastante graves. Diversos estudos (CUNHA, 1986; MARTINS, 2010; WADI, 2009; ENGEL, 1997) hoje comprovam que as mulheres foram tratadas de forma bastante diferente do grupo masculino, quando o assunto era “doenças mentais”, tanto no que diz respeito aos diagnósticos quanto ao que se refere aos tratamentos. Podemos afirmar, pois, que o gênero definiu, a partir do surgimento da psiquiatria no século XIX, quem era louco e por quê, interferindo de forma direta na vida e no destino daquelas/es que não se enquadravam nos ideais da burguesia industrial e urbana que florescia então. Vejamos.

A construção social do gênero pode ser entendida como uma prática discursiva que dependeu, ao longo do tempo, de inúmeros emissores para sedimentar papéis específicos para homens e mulheres. A associação entre loucura e feminilidade, no final do século XIX, ganhou o reforço do saber médico para consolidar a dominação masculina, já que concedeu uma

chancela “científica” para essa construção de gênero. Ainda segundo Foucault (1996), foi a partir do século XVIII, com o surgimento do pensamento racionalista, que a loucura passou a ser objeto de análise do discurso médico. E, se durante a Idade Média e parte da Renascença, a loucura esteve ligada a causas malignas, no século XIX, ela passou a repousar sobre a moral e a ética, sendo por isso chamada de “loucura moral”.

A mentalidade da burguesia buscava se concretizar e precisava reajustar alguns fatores e personagens sociais à sua realidade e visão de mundo. A criação do estereótipo sobre a loucura feminina, presente nos discursos médico-psiquiátricos do século XIX, foi uma das maneiras de submeter esse grupo que já tinha demarcado seu lugar de atuação: a maternidade e o lar. Diversas teorias afirmavam que as mulheres eram governadas por seus órgãos e hormônios, logo não teriam estabilidade emocional suficiente para participar da vida pública e teriam muito mais propensão a desenvolverem doenças ligadas a distúrbios mentais. Os estigmas cravados nas antepassadas chegam a Imp como uma “maldição” e ela nem sabe ao certo se esse histórico de doença mental é real ou fruto de sucessivas coincidências que ligaram hábitos excêntricos de sua tia-bisavó, perda traumática do marido por sua avó na Guerra e uma mãe também suicida que fora deixada pelo marido com uma criança pequena para cuidar. Foucault não

toca nas questões de gênero na sua *História da loucura*, porém, entender as diferenças que criam relações de poder desiguais entre homens e mulheres a partir de um estudo de história crítico e reflexivo, nos ajuda a compreender que gênero é um conceito produzido, reproduzido e transformado ao longo do tempo e utilizado como estratégia de poder e dominação e que, quando ligado às questões psiquiátricas, serviu de instrumento de sujeição a milhares de mulheres. Imp, no entanto, difere das demais mulheres da sua família, pois tem a oportunidade de falar abertamente das questões que lhe atormentam, mesmo que sua psiquiatra pareça resistente a pensar no passado dela por outra perspectiva. Imp, apesar de todas as suas paranoias, nunca cogitou a internação. Ao contrário, é estimulada por sua médica a pintar e escrever, toma remédios indicados ao seu caso, trabalha, namora e tem a possibilidade de manter o rumo da sua vida. Lembremos que Imp vive no século XXI, no qual os direitos das mulheres são marcados pelas lutas feministas anteriores, sendo uma delas a luta antimanicomial.

A segunda perspectiva ligada à loucura feminina é sobre o imaginário da protagonista e sobre como ela lida cotidianamente com seus “fantasmas”. Quanto à obsessão pela figura de Eva Canning, a protagonista cria uma série de conexões através de pinturas, obras literárias e artistas que compõem a sua formação e que a tocam profundamente, seja por atração ou por repulsão. A experiência de pintar e narrar, ajuda a

personagem no processo de autocompreensão. Atualmente, estudos como os da pesquisadora Edla Eggert, envolvendo grupos de mulheres na confecção de trabalhos manuais⁴, descrevem a construção de uma relação mais intimista, que contribui para a criação de teias de relações e o aumento da percepção acerca de temas que suscitam o universo particular que se expande para o público. No caso de Eggert, explora-se as questões da violência doméstica na particularidade das famílias, e no caso de Imp explora-se a particularidade de sua mente, mas, em ambos, busca-se a percepção feminina na construção de sujeitos:[...] Primeiro: narrar oralmente como vivência ou faz determinada coisa. E, num segundo passo: escrever sobre essa experiência. A pessoa organiza de outra maneira quando escreve o que foi falado anteriormente. E, num terceiro momento, ao ler o que escreveu reage ao que está escrito, ou seja, analisa melhor sua própria história/narrativa sobre as experiências vividas. Isso também acontece quando a pessoa pode ouvir o que falou, no caso, quando as conversas são gravadas, é interessante observar como a ação de ouvir a própria voz é instauradora de um caminho para si mesma/o. (EGGERT, 2008, p. 54)

Com o mergulho na mente de Imp, (“mergulho” é um termo adequado à maneira como o livro é conduzido, pois a/o leitor/a submerge na sua percepção), cria-se um imaginário em torno de sereias, lagostas, frutos do mar, rio, mares, conchas – que reforçam sua atração pelas mulheres, pelo universo que permeia

4 Pesquisa a produção do conhecimento realizado majoritariamente por mulheres com pouca escolaridade em atividades de trabalho artesanal na interface com a Educação de Jovens e Adultos e estuda histórias de mulheres e a produção teológica produzida nas margens por meio da hermenêutica feminista. (Texto da autora informado na Plataforma Lattes: Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/8360909218928418>>. Acesso em 19 jan 2021).

as personagens. Afrodite, na mitologia grega, surge do mar dentro de uma concha de madrepérola. Nas representações pictóricas, vemos esse *pathosformel* reforçado, como no caso da pintura de Sandro Botticelli (1445 – 1510), *O nascimento da Vênus* (Fig.1). O conceito citado foi desenvolvido pelo historiador Abby Warburg (1866 – 1929) que pressupõe que elementos iconográficos e as formas emocionais de expressão das representações da Antiguidade teriam sido reutilizadas em imagens posteriores. Assim, as obras não se situam apenas no seu tempo, mas são portadoras de memórias distintas e anacrônicas.

Durand reforça que, antropologicamente, os elementos aquáticos estão relacionados ao feminino:

O que constitui a irremediável feminilidade da água é que a liquidez é o próprio elemento dos fluxos mens-
truais. Pode-se dizer que o arquétipo do elemento
aquático e nefasto é o sangue menstrual. É o que é
confirmado pela ligação frequente, embora insólita à
primeira vista, da água e da lua. Eliade explica este iso-
morfismo constante: por um lado porque as águas es-
tão submetidas ao fluxo lunar, por outro porque sendo
germinadoras ligam-se ao grande símbolo agrário que
é a lua. Limitar-nos-emos à afirmação: as águas estão
ligadas à lua porque seu arquétipo é menstrual. Quan-
to ao papel fecundante das águas e da lua, não passa
de um efeito secundário dessa motivação primordial.
(DURAND, 1997, p 101-102)

Em oposição, está a repulsa aos homens: lobos, bestas, caçadores, são as referências masculinas que

aparecem na trama. Imp tem uma lista de maneiras de matar o pai, além da associação peculiar que atribui a seus medicamentos: “Penso em todos os meus remédios como homens, um fato que ainda não contei para a psiquiatra: o Sr. Risperdal, Sr. Depakene e o Sr. Valium” (KIERNAN, 2014, p. 17).

A arte tem um papel duplo para a protagonista: ao mesmo tempo que irrompe com elementos que enriquecem sua ficcionalidade, lhe permite criar um mecanismo de autoconhecimento. Charles Perrault, escritor francês que estabeleceu as bases para o gênero de contos de fadas, autor de *Chapeuzinho Vermelho*, também aparece como alguém que se desdobra entre os aspectos negativos na mentalidade da protagonista, sendo uma das suas fontes de terror imaginárias. Kiernan utiliza o sobrenome do autor para criar Albert Perrault e a pintura *Fecunda Ratis*, ilustrada pelo artista contemporâneo Matthew Jaffe, em óleo sobre tela. Albert Perrault, é apresentado como o pintor das “chapeuzinhos vermelhos” devoradas por feras. Mais uma vez, notamos uma construção antropológica na teia psicológica da personagem:

Para a imaginação ocidental, o lobo é o animal feroz por excelência. Temido por toda a Antiguidade e pela Idade Média, volta aos tempos modernos periodicamente para se reencontrar em algum animal do Gévaudan, e nas colunas dos nossos jornais constitui o equivalente mítico e invernal das cobras do mar estivais. O lobo é ainda no século XX um símbolo infantil de medo pânico, de ameaça, de punição. O “Grande Lobo Mau” vem

substituir o inquietante Ysengrin. Num pensamento mais evoluído, o lobo é assimilado aos deuses da morte e aos gênios infernais. (DURAND,1997, p. 85-86)

A *Fecunda Ratis* mistura linguagens simbólicas e barrocas e suas dualidades, como luz e sombra, bem e mal, claro e escuro. No centro, uma mulher de tórax nu e longa saia vermelha está deitada em meio a um círculo de lobos, posicionados na penumbra e prestes a atacar a presa. A imagem é associada à figura de Eva e às dissociações que se passam em histórias dentro da história, como no conto criado por Imp em que se refere à Eva como amante de Perrault, sua musa inspiradora, além de vítima de uma relação abusiva (novamente um homem em papel negativo). Outra das associações de Imp gira em torno do quadro *A menina submersa*, do pintor (também fictício) Philip George Saltonstall, que dá o título ao livro:

A tela tem uma moldura dourada, com decoração entalhada – a mesma de todos os outros quadros naquela parte do museu, uma pequena galeria dedicada aos pintores americanos do século XIX. *A Menina Submersa* mede cinquenta por sessenta centímetros. [...]Ele tende a ser agrupado aos simbolistas, embora um artigo o chamasse de um “discípulo americano tardio da irmandade pré-rafaelita. [...] *A Menina Submersa* foi pintada em grande parte com tons escuros de verde e cinza (e, por isso, parece estar no lugar certo pendurado na parede verde), mas com alguns poucos contrapontos: amarelos pastéis, brilhos esbranquiçados, áreas nas quais o verde e o cinza mergulham na cor preta. Ele representa uma jovem totalmente nua, com vinte e poucos anos

ou talvez até mais nova. Ela está de pé, com água até os tornozelos em um lago na mata, quase tão liso quanto vidro. As árvores se fecham atrás dela e sua cabeça se desvia de nós enquanto ela fita a mata por cima do ombro direito, na direção das sombras que se acumulam mais abaixo e entre as árvores. O cabelo comprido tem quase o mesmo tom de verde da água e sua pele foi pintada de tal forma que parece paradoxalmente amarelada e com um pouco de luz interior. Ela está muito próxima da praia e há ondulações na água a seus pés, o que acho que significa que ela acabara de entrar no lago. (KIERNAN, 2014, p.19)

O trecho demonstra uma visão que a própria Imp tem ora sobre si e sobre seu mundo, ora sobre Eva. Vê por fora a beleza e normalidade, emoldurada por entalhes dourados, mas quanto mais imerge no interior da tela, mais sombrios, confusos e dúbios ficam seus sentimentos. A figura central é uma jovem de vinte e poucos anos, assim como a protagonista, envolta entre os paradoxos da floresta e do rio, do real e do irreal, entre o claro e o escuro. O próprio movimento ao qual o seu autor fictício está associado, o Simbolismo, está vinculado à irracionalidade, à subjetividade e à análise através das sensações. A esse movimento pertence também o poeta Edgar Allan Poe, outro dos referenciais de Kiernan.

Outra característica da protagonista é que Imp é homossexual e namora uma mulher transgênero, Abalyn Armitage, uma relação tratada pela autora com naturalidade, sendo um enlace paralelo à história central, o que pode nos remeter à influência das

lutas ligadas ao movimento feminista tanto da segunda quanto da terceira onda. O livro é escrito no século XXI, e os temas ligados à liberdade sexual e ao binarismo (além das desigualdades sociais e políticas também promovidas pelo sexismo) são fundamentais. Assim, a autora nos entrega o texto, refinando seu olhar com relação às questões sociais e de gênero mais uma vez. Segundo Berenice Bento, a transexualidade é uma experiência identitária caracterizada pelo conflito com as normas de gênero existentes, estando cada dia mais inserida nas discussões acadêmicas, inclusive, a sua inserção sendo fundamental em obras de ficção, por exemplo. O mote da homossexualidade e da relação das personagens trazem à trama uma harmonia que se desprende da recorrência à paródia, quando se trata do *queer*:

Quem subverte e desafia a fronteira apela, por vezes, para o exagero e para a ironia, a fim de tornar evidente a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações. Por isso, a paródia que arremeda os “nativos” do “outro” lado, que embaralha seus códigos com os “desse lado”, que mistura e confunde as regras, que combina e distorce as linguagens é tão perturbadora. Ela se compraz da ambiguidade, da confusão, da mixagem. (LOURO, 2014, p. 20)

Desta forma, encaramos a relação de ambas com normalidade, sem depositar nela demasiada importância, pois é parte da história da vida de Imp, mas

não define a sua esquizofrenia, que é o eixo central da trama.

Para finalizar, salientamos que a historiadora Gerda Lerner (2019) nos ensina que o sistema patriarcal e de dominação só funciona com a cooperação das mulheres e que esta é adquirida por diversos sistemas simbólicos de poder, por intermédio da doutrinação, privação da educação, do apagamento de sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam. A história de Imp é também a história de mulheres que viveram a dominação masculina e as diversas consequências advindas dela. E, de um jeito bastante pessoal, Imp nos leva a enxergar que também são as mulheres que criam os modos de insurgência contra esta dominação. Seja em seus gabinetes formulando teorias a partir das vivências e apagamentos das antepassadas, nas ruas em grandes manifestações, enfrentando o patriarcado de peito aberto, seja forjando monstros e fantasmas na mente para salvarem a si próprias primeiro.

Fig. 1 - Sandro Botticelli, O Nascimento da Vênus (1485).
Têmpera sobre tela, 172,5 x 278,5 cm. Gallerie degli Uffizi.
(<https://www.uffizi.it/opere/nascita=-di-venere#&gid-1&pid=1>)

Referências

- ALMEIDA, Flávia. **Transfeminismo**: a pauta que nos ensina ir além do binarismo homem e mulher. Disponível em: <<https://www.justificando.com/2017/11/29/transfeminismo-pauta-que-nos-ensina-ir-alem-do-binarismo-homem-e-mulher/>>. Acesso em 19 jan 2021.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DURAND, Gilberto. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EGEL, Magali. **Psiquiatria e feminilidade**. In: DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; Ed. UNESP, 1997.

EGGERT, Edla. Recortar, costurar, colar e narrar: a produção do conhecimento no contexto de formadoras de Promotoras Legais Populares. **Revista Ártemis**, vol. 9, p. 48-59, dez. 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

KIERNAN, Catlín R. **A menina submersa: memórias**. São Paulo: Darkside Books, 2014.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019. Tradução de Luiza Sellera.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Um sistema instável: as teorias ginecológicas sobre o corpo feminino e a clínica psiquiátrica entre os séculos XIX e XX. In: WADI, Yonissa Marmitt, SANTOS, Nádia Maria Weber (Orgs.). **História e loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: Edufu, 2010.

PEREIRA, Melissa de Oliveira; PASSOS, Rachel Gouveia (orgs.). **Luta antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

SANTOS, Jair F. **O que é o pós-moderno**. 22^a ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. Coleção Primeiros Passos.

SANTOS, Nádia Weber. (Orgs.) **História e Loucura: saberes, práticas e narrativas**. Uberlândia: Edufu, 2010.

WADI, Yonissa Marmitt. **A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura**. Uberlândia: Edufu, 2009.